

Marcas de interação na escrita: uma análise no gênero resenha acadêmica

Silvestre Gomes Martins
sil_gomes7@hotmail.com

Abrão Rodrigues Neto
abroneto@yahoo.com.br

Marise Adriana Mamede Galvão
marisemamede@gmail.com

Maria das Graças Soares Rodrigues
gracasrodrigues@gmail.com

1 Introdução

O ser humano, por excelência, desenvolveu a capacidade de entender e se fazer entendido. Desde que o homem surgiu, essa habilidade torna-se crucial para o seu aperfeiçoamento.

É por meio da relação com o outro que o sujeito expressa seus sentimentos, desejos, ações, que por sua vez despertará no outro o desejo de corresponder a tais práticas. Ao mesmo tempo em que o sujeito se expressa, ele também reconstrói a si próprio.

Este artigo objetiva analisar como se dá o processo de interação em gêneros escritos. Para tanto, foram selecionadas duas resenhas acadêmicas da Revista DELTA, que servirão de corpus para a análise.

A metodologia utilizada baseou-se inicialmente em pesquisas bibliográficas e, posteriormente, a análise dos dados foi realizada com base em marcas de interação na escrita sugeridas por Lemos e Guaraschi ([2005]).

2 Algumas reflexões sobre gênero

É interessante lembrar que hoje se torna comum a idéia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São considerados entidades sócio-discursivas e formas de ação social presentes em qualquer situação comunicativa. Ou são tipos específicos de texto de qualquer natureza, literários ou não. Tanto na forma oral como na escrita, os gêneros textuais são caracterizados por funções específicas e organização retórica mais ou menos típica. São reconhecíveis pelas características funcionais e organizacionais que exibem e pelos contextos onde são utilizados.

Por isso, Gêneros textuais são formas de interação, reprodução e possíveis alterações sociais que constituem ao mesmo tempo, processos e ações sociais e envolvem questões de acesso (quem usa quais textos) e poder. Portanto, as suas características peculiares de um gênero discursivo nos permitem abordar aspectos da textualidade, tais como coerência e coesão textuais, impessoalidade, técnicas de argumentação e outros aspectos pertinentes ao gênero em questão. Assim, “a análise de gênero engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição de língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral”. (MARCUSCHI, 2008 p. 149). Ainda, de acordo com esse autor, cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação.

Podemos, ainda, considerar os gêneros como eventos sociais maleáveis que surgem das necessidades e atividades sócio-culturais e com grande influência das inovações tecnológicas. Então, os grandes suportes tecnológicos da comunicação (rádio, televisão, jornal, internet, revista), por terem uma presença marcante e central nas atividades comunicativas, vão propiciando e abrindo gêneros novos bastante característicos.

Daí que os gêneros surgem ancorados em outros gêneros. Pode ser por transmutação ou por assimilação de um por outro. O que define o gênero? Pode ser a forma, a função, o suporte ou o ambiente em que os textos aparecem. Portanto, o gênero tem como prioridade a natureza funcional e

interativa da língua, enquanto que o tipo textual se preocupa com o aspecto formal e estrutural.

O gênero não é um texto nem discurso, mas propicia o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, jornalístico etc., já que as atividades jurídicas, jornalísticas, etc., não abrangem um gênero particular, mas, dão origem a vários deles.

A linguagem existe e só responde ao serviço da comunicação, porque possui função de mediação nas práticas sociais. A mediação entre os homens se faz por intermédio da palavra e a capacidade humana de articular significados coletivos e seu compartilhamento se dá por intermédio da linguagem. Então, no processo de interação verbal, segundo Rodrigues (2005), as palavras nos vêm de outros enunciados, elas não são “neutras”, mas trazem consigo sentidos (visões de mundo) e a concepção de linguagem do círculo de Bakhtin é uma resposta aos outros discursos sobre a língua.

Portanto, trabalhar a linguagem em situação de ensino não é ensinar as palavras, mas seus significados culturais e sociais. Isso nos remete ao conhecido pensador da literatura, Bakhtin (apud RODRIGUES, 2005, p. 154 quando afirma que “o uso da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, ‘proferidos pelos participantes de uma ou da outra esfera da atividade humana.’”

Marcuschi (2008 p. 149) deixou explícito que “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. Esta ideia também foi definida de maneira similar por Miller (1984). Com base nestas discussões, Bronckart (1999, p. 103 apud Marcuschi, 2002, p. 29), afirmou que “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, o que nos permite falar sobre legitimação discursiva, pois os gêneros textuais operam em certos contextos.

Para finalizar, regatamos a voz de Marcuschi (2002, p. 27) quando diz:

Usamos a expressão gênero textual como uma propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Com isso, o autor finalizou dando como exemplo uma carta informal, onde se pode observar a presença de vários tipos textuais. O autor ressalva que “vai-se notar que há uma grande heterogeneidade tipológica nos gêneros textuais” (MARCUSCHI, 2002, p. 27).

3 Interação

Vivemos num eterno processo de autoconhecimento e a forma mais eficaz de descobrir a si próprio é se expressando, de forma que o outro possa contribuir com esse processo de autoconhecimento.

Dessa forma, refletir sobre esse ato de mão dupla que é o relacionamento humano requer uma abordagem acerca da interação. Na literatura, podemos encontrar alguns conceitos acerca da noção de interação.

Para Marcuschi (2007, p. 76) “a interação humana é uma atividade constitutiva da própria linguagem e não simples decorrência de suas virtudes imanentes.” Nessa definição, o autor defende ser a interação um processo que se desenvolve na e pela linguagem, não sendo, portanto, um resultado obtido *a posteriori*.

Fávero *et al* (2010, p. 92), citando Marcuschi (1998) analisam que “a interação social não é uma atividade caótica, nem aleatória ou mecânica mas ordenada, coordenada e intencional. A interação social é um dos dispositivos mais importantes para a construção social da realidade.”

Respalgadas em Marcuschi, as autoras afirmam que, embora pertencente, em maior escala, à fala, a interação apresenta sistematização, ordem e intenção. Possui propósito de colaborar na construção de sentido nas relações humanas.

Assim, é possível perceber que aquela antiga crença de que não existia organização na língua falada acaba caindo por terra. Fávero *et al* (2010, p. 92) compartilham desse posicionamento, pois “a interação, os papéis internacionais e as relações que se estabelecem entre os participantes geram um conjunto de expectativas.”

Ainda na reflexão sobre o processo de interação, Kerbrat-Orechionni (2006, p. 8) explica que:

Para que haja troca comunicativa, não basta que dois falantes (ou mais) falem alternadamente; é ainda preciso que eles se falem, ou seja, que estejam, ambos ‘engajados’ na troca e que dêem sinais desse engajamento mútuo, recorrendo a diversos procedimentos de validade interlocutória.

A autora apresenta uma noção mais profunda e, até certo ponto, complexa sobre interação. Para ela, interação é bem mais que duas pessoas apenas falando de forma alternada. É necessário, portanto haver engajamento no ato da conversação, um envolvimento mais aguçado por parte dos interactantes. Além disso, é necessário que os interactantes enviem sempre sinais como forma de apreensão e de engajamento.

4 Marcas e interatividade na escrita: algumas evidências

Conforme já dito anteriormente, o processo de identificação de marcas interacionais na língua escrita não é tarefa das mais simples. Isto se torna ainda mais evidente ao levarmos em consideração o fato de que os estudos sobre interação se deram prioritariamente na língua falada.

Porém é necessário reconhecer que quando se escreve, escreve-se sempre para alguém e que este interlocutor está presente no campo visual do escritor. Esta afirmação poderia ser refutada “uma vez que a ausência do leitor ‘desobriga’ o autor de manifestar-se de forma dialogal marcada [...]” (LEMOS; GUARASCHI, [2005]).

Lemos e Guaraschi ([2005]) mencionam que há algumas marcas ou indícios da interatividade na escrita, a saber: indícios de orientação diretiva para interlocutor determinado; indícios de suposição de partilhamento ou de convite de partilhamento; indícios da fala de um interlocutor com o qual se dialoga; indícios de oferta de orientação e seletividade e indícios de premonição face a leitores definidos.

Nas resenhas analisadas, foi possível detectar três desses indícios de interatividade. Abaixo seguem os trechos retirados das resenhas evidenciando os respectivos indícios.

4.1 Indícios de orientação diretiva para um interlocutor determinado

Analisemos o seguinte trecho:

Trecho 1

Uma das surpresas agradáveis no processamento deste livro é de natureza estilística. Em muitas passagens, Ataliba consegue justapor português acadêmico formal e português conversacional. Assim, **você leitor(a)** é tratado por você, da página 35 a 651.

Neste exemplo percebemos que o resenhista utilizou um recurso interativo que Lemos e Guareschi ([2005]) diz tratar-se “da referência ao leitor com marcas por vezes nítidas”. As autoras ainda afirmam que estes marcadores interacionais, cuja função é instaurar relação imediata com o leitor, são restritos a poucos gêneros textuais.

4.2 Indícios de suposição de partilhamento ou convite ao partilhamento

Vejamos os seguintes trechos:

Trecho 2

Diante da afirmação um tanto confiante e bombástica citada no início deste parágrafo, **devemos** caracterizar esta última como uma ducha de água fria:

Trecho 3

A criação de uma gramática complexa como esta constitui imenso desafio terminológico para o Autor. No caso, Ataliba aplicou humanizadamente o princípio que, em Linguística da Paz, costumo formular assim: **Pensamos** primeiro em nosso próximo linguístico. Para dar conta disso, ele exerce seu direito de fazer opções linguísticas.

Nestes trechos, percebemos que ao usar o verbo na 1ª pessoa do plural, o resenhista, no trecho 2, convida o leitor a partilhar da sua visão particular sobre determinada afirmação. Já no trecho 3, o resenhista supõe que tanto ele quanto o leitor partilham de um conhecimento comum. Assim, se estabelece a interação entre escritor e leitor.

4.3 Indícios de oferta de orientação e seletividade

Quanto a estes indícios, Lemos e Guareschi ([2005]) esclarecem: “a designação aqui dada a este tipo de indício não é muito clara, mas o fenômeno é simples. Trata-se do uso de dêiticos textuais, notas de pé de páginas, etc., como indícios de interatividade.”

Vejamos os seguintes trechos:

Trecho 4

Dentre os que mais se destacaram na tarefa de propor revisões importantes na teoria de atos de fala está o hispanista holandês Henk Haverkate, cujos livros *Impositive Sentences in Spanish: Theory and Description in Linguistic Pragmatics* (Haverkate, 1979) e *Speech Acts, Speakers and Hearers: Reference and Referential Strategies in Spanish*. (Haverkate, 1984) tiveram um grande impacto. Diga-se de passagem, o primeiro destes serviu de principal fonte de inspiração para a tese de doutorado de Carlos Alberto Faraco (1982), possivelmente o pioneiro nessa linha de investigação aqui no Brasil (**ver também Faraco, 1986**).

Trecho 5

A idéia de atos decididamente indiretos foi uma questão difícil de sustentar na medida em que em que se esbarrava, no fundo, em uma questão de atribuir prioridade ao sentido autorizado pela forma sintática da sentença* e não à função comunicativa do enunciado (cf. Rajagopalan, 1984), problema este habilmente contornado pela solução encontrada por Haverkate.

* Que outra justificativa pode haver para considerar 'Você pode me passar o sal?' como sendo primeiramente uma pergunta e só posteriormente um pedido (ou, melhor, ser entendido como um pedido, por ser antes entendido como uma pergunta, como quer Searle) a não ser o fato de que a sentença tem a forma interrogativa?

No trecho 4 percebemos no corpo da resenha uma fórmula que se dirige explicitamente a um leitor, é o caso da expressão “ver também Faraco, 1986.” Já no trecho 5 percebemos uma nota de rodapé com função explicativa e bastante interativa, inclusive com presença de interrogação.

Estas marcas evidenciam traços de interatividade, nesse caso, entre o resenhista e o leitor especializado, uma vez que o leitor é envolvido e orientado cognitivamente a buscar porções dentro do próprio texto, bem como fora do texto.

5 Considerações Finais

Com base nas reflexões e análise realizadas ao longo deste artigo, pôde-se perceber que existe interação na escrita. As marcas ou indícios que

compravam tal afirmação não são tão evidentes e claras, porém existem e estão impressas na tessitura textual.

A presença destas marcas de interação nos textos, também mostram que se deve ter um olhar diferenciado, e de certa forma, mais abrangente no que diz respeito ao conceito de interação, bem como no que se refere a sua materialidade.

Assim, torna-se incoerente pensar que somente na fala, nos gêneros orais é que existe interação pelo fato de haver uma ação face a face e respostas simultâneas. Conforme ficou esclarecido na análise, na escrita não existe, de fato, a presença do outro, porém todo texto é escrito para um leitor específico.

A identificação destas marcas nos gêneros escritos requer um trabalho minucioso, pautado em categorias ou estudos que contribuam com tal propósito, e, dessa forma, gerar valiosas contribuições tanto para pesquisa, quanto para o ensino na relação interação e gênero.

Referências

FÁVERO, Leonor Lopes et al. Interação em diferentes contextos. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (Orgs.). **Linguística do texto e análise da conversação**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 91-158.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2006.

LEMOS, Cláudia J. G.; GUARESCHI, Maria Helena. **Marcas de interação no processo de textualização na escrita**. ([2005]) Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/12.htm>>. Acesso em: 01 set. 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

_____. **Cognição, linguagem e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

RODRIGUES, R.H. Gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair ;MOTTA-ROTH, Desirée (Orgs.). **Gêneros**: teoria, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.